

**A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO:
Os Relatos das Trabalhadoras de Confeção do Município de Aracoiaba/CE**

Antonia Karise Santos da Silva¹

RESUMO

Observamos aqui a múltipla jornada enfrentada por mulheres que são mães, donas de casa, trabalhadoras de facções de costura, que cuidam de suas famílias e ainda procuram tempo para estudar e se qualificar para o mercado de trabalho: em busca de melhores condições de vida. Situando esse contexto, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar as demandas enfrentadas pelas trabalhadoras de confecção de Aracoiaba/CE: para a sua permanência no mercado de trabalho e a manutenção da dignidade de suas condições de vida. Atrelados a este objetivo geral, estão os específicos, que são: considerar as motivações para a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho; identificar os desafios do cotidiano para a sua permanência nesse mercado de trabalho; analisar os seus relatos na avaliação dos papéis que lhes são socialmente destinados, segundo a fala das próprias entrevistadas/interlocutoras. A pesquisa é de cunho descritivo/ explicativo, de viés qualitativo e apoiada em entrevistas semiestruturadas (realizadas com trabalhadoras da confecção de Aracoiaba/CE). Através da análise das entrevistas, foi possível perceber que - embora elas desempenhem diversos papéis - essas mulheres seguem compulsoriamente submetidas à aceitação de condições sociais de subalternidade, humilhação e precariedade. A despeito de suas esperanças em conseguir um futuro melhor, elas reconhecem que as condições lhes são excessivamente adversas. Vale ressaltar que todas as entrevistadas encontram-se na condição de costureiras, não por opção, mas sim por uma questão de dependência financeira e econômica.

Palavras chave: MULHERES. TRABALHO. PRECARIZAÇÃO. DIFICULDADES. CONFECÇÃO DE COSTURA.

ABSTRACT

We observe here the multiple journey faced by women who are mothers, housewives, workers in sewing factions, who take care of their families and still look for time to study and qualify for the job market: in search of better living conditions. In this context, this research has as main objective to analyze the demands faced by clothing workers in Aracoiaba/CE: for their permanence in the job market and the maintenance of the dignity of their living conditions. Linked to this general objective are the specific ones, which are: considering the motivations for the insertion of these women in the labor market; to identify the daily challenges for their permanence in this job market; analyze their reports in the evaluation of the roles that are socially assigned to them, according to the speech of the interviewees/interlocutors themselves. The research is descriptive/explanatory, with a qualitative bias and supported by semi-structured interviews (carried out with workers in the clothing industry in

¹ Discente do curso de Especialização em Gênero, diversidade e direitos humanos, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.
Data de submissão e aprovação: 02/02/2022.

Aracoiaba/CE). Through the analysis of the interviews, it was possible to perceive that - although they play different roles - these women are still compulsorily submitted to the acceptance of social conditions of subordination, humiliation and precariousness. Despite their hopes of achieving a better future, they recognize that conditions are too adverse for them. It is worth mentioning that all the interviewees are seamstresses, not by choice, but as a matter of financial and economic dependence.

Keywords: WOMEN. WORK. PRECARIZATION. DIFFICULTIES. SEWING CONFECTION.

INTODUÇÃO

O presente estudo tem como tema de partida a mulher no mercado de trabalho: os relatos das trabalhadoras de confecção do município de Aracoiaba /CE. Esse tema pode trazer à tona muitas discussões a respeito não só do seu local de trabalho, mas também de como estas se reconhecem como mulheres. O objetivo geral é analisar as demandas enfrentadas pelas trabalhadoras de confecção de Aracoiaba para a sua permanência no mercado de trabalho. A partir dessa consideração, os objetivos específicos são: considerar as motivações de inserção dessas mulheres no mercado de trabalho; identificar os seus desafios do cotidiano para a continuação no mercado de trabalho; observados os relatos das mulheres trabalhadoras de confecção de Aracoiaba/CE, avaliar os papéis que lhes são destinados, segundo o relato das entrevistadas. Busquei com isso observar os pontos de vista das mulheres trabalhadoras das facções têxteis acerca de seu trabalho, a visão que elas têm sobre si na sociedade, entre outras perspectivas em relação aos seus objetivos de vida.

Primeiramente, o município de Aracoiaba está localizado a 84 km de distância da capital Fortaleza. A cidade apresenta a seguinte configuração de setores produtivos e fontes de renda: profissionais que prestam serviço para a administração pública uma parte são efetivos e outros são temporários, os que trabalham no comércio são os proprietários e seus funcionários, os que trabalham nas fábricas de costura, as empregadas domésticas e as que fazem “bicos²” para conseguir uns trocados para ajudar na renda de casa.

Ressaltando que a pesquisa em questão entrevistou mulheres de duas fábricas de costura do município supracitado, sendo uma de pequeno porte e a segunda de médio porte. Não foi identificado nenhum nome, nem das fábricas nem das entrevistadas os seus sobrenomes foram substituídos por nomes fictícios, já para resguardar a segurança das trabalhadoras que participaram desse estudo. Vale ressaltar que essa área possui uma grande expansão no município e incorpora uma significativa parcela do trabalho feminino. Além de a pesquisadora ter acesso a algumas pessoas que trabalham nessas facções e que aceitaram fazer a pesquisa, e ajudar a construir a ponte para realizar outras entrevistas com diferentes mulheres.

As mulheres que trabalham nas facções têxteis do município de Aracoiaba/CE apresentam uma variação de idade e nível escolar bem visível. O perfil das entrevistadas são

² São mulheres que cozinham e vendem pratinhos, ou batatinha, ou algum tipo de lanche nas calçadas. Ou as que fazem faxina, ou lavam roupas para fora. Ofícios que não lhes dão uma segurança financeira, mas que lhes garante naquele momento uma ajuda.

mulheres com idade entre 20 a 64 anos, mães, esposas, viúva, divorciada e algumas solteiras, com escolaridade que variam desde ensino médio incompleto, ensino médio completo e cursando ensino superior. Possuem jornada de trabalho que vai de 8 horas por dia à mais de 9 horas trabalhadas por dia no caso de algumas.

Porém, a maioria compartilha das mesmas razões para estar nessa profissão: o que motiva a permanecer é a necessidade de ter uma fonte de renda, que lhes garanta o sustento da casa, o seu próprio sustento e, em alguns casos, financiar os seus sonhos. Isso está nítido nas entrevistas, em alguns momentos de modo explícito, em outros disfarçadamente. O fato é que o trabalho nas facções de costura é muito cansativo, suprime muito o tempo dessas mulheres e ainda lhes acarreta uma série de doenças (de coluna, respiratórios, alergias entre outros).

Segue alguns relatos das entrevistadas: Freitas (2021), 28 anos diz: “trabalhamos uma carga horária muito extensa”. Já Gonçalves (2021), 64 anos “falou que não podem esta parando se não é chamada a atenção pelo supervisor, sinto muitas dores nas costas”.

A Sousa (2021), 20 anos destaca: “são muitas as desvantagens começando pelo valor pago para quem não tem carteira assinada, espaço pouco ventilado, dor nas costas por passar muito tempo sentada na mesma posição”.

A precarização e o desgaste estão presentes nesta profissão exercida por estas mulheres e podem ser percebidos em suas falas. A seguir em resultados e discussões veremos os principais pontos destacados pelas interlocutoras em relação às condições de trabalho.

METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho descritivo/ explicativo, de viés qualitativo e apoiada em entrevistas semiestruturadas (realizadas com trabalhadoras da confecção de Aracoiaba/CE).

Richardson (1999, p. 102) destaca que:

"o objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno".

Sendo assim a pesquisa de campo é referente às condições de vida e trabalho da classe das costureiras de confecção do município de Aracoiaba /CE, sendo nosso interesse perceber dentro do contexto no mercado de trabalho de confecção a situação dessas trabalhadoras, por meio dos relatos em relação às dificuldades enfrentadas para conseguir e se manter no mercado de trabalho, além de realizar um apanhado de informações em relação aos seus locais de trabalho e à qualidade de que elas ali dispõem, ou não, para exercer suas atividades laborais.

Com isso se realizou uma entrevista semiestruturada elaborado para o perfil desse tipo de trabalho, sendo no total oito mulheres entrevistadas quatro trabalham em uma fábrica de pequeno porte e as outras numa de médio porte. Os seguintes critérios foram estabelecidos: a entrevistada deve ser maior de 18 anos, porém não existe uma idade máxima, ser funcionária ativa e ter concordado em participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a discussão serão citados autores e relatos das trabalhadoras pesquisadas, visando realizar uma análise a partir das narrativas dessas mulheres sobre seu trabalho, referenciais, e estudos anteriores que retratam o mundo do trabalho e a questão de gênero.

O questionário consistiu sobre a visão que essas tinham de si, como mulher. Mesmo se tratando de questões tão simples, as respostas obtidas foram muito curtas e até quase mecânicas. No contexto em que elas estão inseridas, talvez o fato não seja o de falta de vontade em se expressar mais, mas sim, que essas poucas palavras resumem o seu cotidiano. Picanço (2005) trata do lugar da mulher da seguinte forma:

Trabalho é bom, mas o que a maioria das mulheres realmente quer é ter um lar e filhos – essa afirmação não exclui os papéis femininos de trabalhadora, esposa e mãe, mas contrapõe o desejo culturalmente produzido pelo trabalho a um desejo “natural”, o de ser esposa e mãe. (PICANÇO, 2005, p. 156).

Levando em conta que o Brasil foi colonizado e sofreu forte influência de valores e de crenças vindo dos Europeus, pode-se concluir que desde o período colonial, instalou-se o sistema patriarcal nas relações sociais, sistema esse cujo perfil estabelecido e padronizado pela sociedade na época determinava uma mulher doce, recatada e submissa (FOLLADOR, 2009). As mulheres foram se moldando até palavras foram criadas (empoderada) para classificar o perfil feminino da atualidade.

Picanço (2005) fala que:

A entrada e a permanência das mulheres no mercado de trabalho são processos inseridos em distintos contextos societários e que têm distintas motivações. Pode-se colocar em evidência dois conjuntos de motivações: o primeiro agrega motivações, como a realização individual, o desejo de autonomia e de independência, que estão ligados aos valores mais modernos resultantes tanto das lutas feministas por direitos iguais, quanto do processo de individualização da sociedade contemporânea apresentado sob a forma do culto a si; o segundo agrega a necessidade econômica, o imperativo econômico, para a complementação da renda familiar [...] (PICANÇO, 2005, p. 150).

Sobre a permanência da mulher no mercado de trabalho, o relato de vida da senhora Camurça se encaixa bem ao tema. Ela, sabe bem o que é isso, até por que, como a própria comentou, “a vida de casada não foi nada fácil”, tanto que a mesma não suportou e separou-se do marido, separação só de corpos, mas que nunca foi oficializado, e hoje ela encontra-se viúva, mas uma mulher separada no tempo dela ainda era a coisa mais feia e errada perante a sociedade, principalmente em uma cidade do interior. Camurça (2021) 59 anos conta que “não foi fácil criar as três filhas, mas graças a Deus, a minha coragem e a ajuda da minha família, nós aqui em casa não passamos precisão”. Aqui essa senhora teve o papel de chefe da família e sozinha conseguiu criar às filhas.

As mulheres são sujeitas de direitos com autonomia para escolher o que acham melhor para si. Araújo e Scalon (2005) tratam da questão de conciliar o trabalho pago com a família e chega a questionar sobre a conciliação desses:

Como conciliar o trabalho desejado ou necessário da mulher com a maternidade, e que dimensões legitimam ou perturbam essa conciliação, num cenário marcado pela disseminação do ideário de igualdade de direitos entre os sexos e pela crise econômica que torna imperativo o trabalho feminino? As respostas às questões que envolvem a relação entre afeto materno, qualidade de vida familiar e trabalho pago, assim como aquelas relativas às aspirações individuais das mulheres, fornecem

pistas interessantes sobre as representações de maternidade e sobre os papéis sociais. (ARAÚJO; SCALON, 2005. p. 29).

Essas mulheres defendem que a mulher pode e deve ter direitos iguais e chegar aonde ela almejar, trazendo em sua fala essa possibilidade de conciliação do trabalho pago e a maternidade, seguindo essa observação, Lima (2021) 21 anos, em suas palavras: “No meu ponto de vista não existe um papel específico. Podemos exercer qualquer cargo ou função”. Ela foca mais na questão do trabalho remunerado, mas a possibilidade de ser mãe e profissional não lhe são alheios.

Seguindo essa visão do potencial de trabalho remunerado, é possível hoje encontrar mulher na profissão na qual antes não se via como: de pedreira, mecânica, engenheira, eletricista, entre outras tantas que durante anos era uma área exclusiva dos homens. Aos poucos a mulher vem conquistando seu lugar social, visto que por muito tempo eram destinados a ela o papel de ser mãe, dona de casa e boa esposa.

Seguindo o raciocínio de Araújo e Scalon (2005), os valores patriarcais estão em decadência e a mulher pode optar livremente por ser mãe solteira ou por não ter filhos, e essa escolha não irá afetar o seu papel social. Mas essa visão vai além do profissional e também se estende no âmbito familiar, onde o homem também deve ter mais participação.

Sra. Lucio (2021) 50 anos, tem o sonho de que as mulheres devem ter “direitos iguais” aos homens. A vida já é predeterminada, onde o indivíduo tem que seguir as regras sociais existentes, antes mesmo de ele nascer. A respeito os autores discorrem:

Este simbolismo (enraizado nas estruturas) que homens e mulheres, no entanto, reproduzem, apresenta a polaridade de valores culturais e históricos como se fossem diferenças naturais (biologicamente determinadas) e as pessoas do sexo feminino como membros de um gênero subordinado, na medida em que determinadas qualidades, bem como o acesso a certos papéis e esferas (da Política, da Economia e da Justiça, por exemplo) são percebidos como naturalmente ligados a um sexo biológico e não ao outro. (ALVES; CAVENAGUI, 2000, p.11).

Se tratando das normas, costumes, formas ou valores, muitas vezes a mulher não pode interferir. Conforme Araújo e Scalon (2005) as transformações que estão ocorrendo na estrutura da família não podem ser observadas como algo negativo, mas sim como uma democratização no processo familiar.

Sra. Lucio (2021) 50 anos, pede por direitos iguais, isso se dá pelo fato de que ela foi educada para ser uma dona de casa, mãe, esposa e obediente. Independente das suas necessidades ela sempre tem que seguir as regras. O seu foco são suas filhas e netas, futuras mulheres que não merecem ser submetidas às ordens de seus companheiros.

Tanto à senhora Lucio (2021) 50 anos, quanto à senhora Monteiro (2021) 42 anos, compartilham do mesmo desejo que é o de direitos iguais. Pode até não ser para elas, no presente, mas pode ser no futuro para suas filhas. Sonham com uma vida mais justa e com um futuro melhor para as outras mulheres que aqui estão e as que virão ao mundo.

Nas falas de Freitas (2021) 28 anos: “Somos livres para escolher a vida que queremos seguir”. Independente de ser formada em algum curso superior, ou mal ter o ensino fundamental, a mulher tem o direito de ser respeitada e de lutar pelo que ela acredita que é capaz. Mulheres alfabetizadas ou analfabetas, ricas ou pobres, independentemente de classe social toda mulher pode lutar pelo que quer, acredita e sonha.

A senhora Monteiro (2021) 42 anos, falou que começou a trabalhar em fábrica de costura para se tratar de um início de depressão. Ela relatou que viu não somente uma oportunidade de ganhar seu próprio dinheiro e ajudar nas despesas de casa, mas principalmente uma porta de escape para ocupar a mente devido momento que vinha passando. As mulheres ao nascerem são chamadas da mesma forma “fêmea” (palavra muito utilizada no interior do nordeste). O tempo sempre comandou as atitudes, as posturas e até mesmo os pensamentos das mulheres de época. Por essa razão, as falas de Marques (2021) 26 anos, podem ter sido influenciadas: “Ela pode ser dona de casa, mas também pode ter um emprego”.

Se observarmos o que cada uma falou a respeito do papel destinado a mulher, todas com suas peculiaridades apresentam um apelo por igualdade. Mas cada uma encontra-se vinculada há um tempo histórico e com isso sua resposta se molda com o que ela aprendeu durante a vida. A visão de Marques (2021) é a que mais retrata essa observação, ela deixa evidente que a mulher tem que ser dona de casa - e se quiser – pode também ter um emprego, ela não consegue vislumbrar a imagem de uma mulher desvinculada da função não paga de dona de casa.

Todas buscam por um único propósito que é o de ser feliz e de se sentir bem, podendo exercer todos os seus papéis: o de mãe, de esposa, de trabalhadora e o de igualdade entre gêneros.

A maioria das mulheres já passou por uma situação constrangedora e teve que seguir padrões que a sociedade impõe.

A este respeito vejamos as considerações de Araújo e Scalon (2005):

Num cenário de crescente individualização e, ao mesmo tempo, de riscos e incertezas da modernidade, as relações familiares, sobretudo de casais, tendem a concentrar elevadas expectativas de afeto e autenticidade. Contudo, para a mulher,

esse processo continua tendo mão dupla: por um lado lhe permite maior autonomia em suas escolhas, possibilidades de rompimento de vínculos quando estes não lhe são satisfatórios e maior liberdade no exercício de sua afetividade e de sua sexualidade; por outro, tais expectativas tendem a estabelecer novos tipos de sobrecargas emocionais, geradas pelo desafio de ser competitiva e eficiente no mercado de trabalho, cumprir suas responsabilidades gerenciais – suas “obrigações” organizacionais na família – e, ao mesmo tempo, responder de forma satisfatória as cobranças emocionais, cobranças estas que também são socialmente estimuladas. (ARAÚJO; SCALON, 2005. p. 20 – 21).

Sendo assim, as autoras deixam explícito que esse quadro atual dá liberdade à mulher para permanecer ou não em um relacionamento, mas que também exerce muitas cobranças e uma sobrecarga emocional nessas mulheres que preferem seguir novos caminhos.

Conciliar a vida doméstica com o trabalho e a vida social é quase impossível. Para quem tem filho pequeno é mais complicado ainda, e a história de ter um momento de lazer escoa pelo ralo e o único prazer é o de estar deitada descansando. Até mesmo para as mulheres trabalhadoras de confecção que não têm filhos, é complicado produzir uma escala e conseguir marcar no calendário os horários para, o trabalho, a família e a vida social que é quase impossível marcar um dia para se divertir.

A definição de mulher para elas é o retrato do que elas enfrentam em seu cotidiano. Ser mulher é ter que enfrentar a vida corrida de trabalho e estudo sem desanimar. É cuidar da família, ter um emprego para seu próprio sustento ou ajudar nas despesas de casa, obter respeito e o reconhecimento à sua cidadania em condições de igualdade social com os homens.

As entrevistadas possuem uma noção dos direitos que as assistem e do que elas anseiam, mas também é notório que, em relação ao fator financeiro, essas mulheres não conseguiram ser o que elas realmente queriam ser. Ao ser indagadas sobre uma profissão que elas gostariam de exercer, mas que por condições financeiras ou motivos pessoais não foi possível. Elas me responderam “Psicóloga, Cuidadora de Idoso, Médica veterinária, Secretária, Educadora, Médica, Empresária, Técnica Judiciária do TRE-CE”.

Essas mulheres para conseguirem ingressar e se manterem no mercado de trabalho, travam batalhas diárias em um mercado de trabalho que vive em constante variação. Um detalhe que deve ser ressaltado é, além dessa luta no mercado de trabalho, também existem as dificuldades familiares e ainda uma insistente repressão social sobre a mulher. Ricardo Antunes (2009) relata sobre a divisão do trabalho da seguinte maneira:

Na divisão sexual do trabalho, operada pelo capital dentro do espaço fabril, geralmente as atividades de concepção ou aquelas baseadas em capital intensivo são preenchidas pelo trabalho masculino, enquanto aquelas dotadas de menor

qualificação, mais elementares e muitas vezes fundadas em trabalho intensivo, são destinadas às mulheres trabalhadoras [...] (ANTUNES, 2009. p. 105).

É possível observar uma sobrecarga de trabalho em relação às mulheres, um confinamento em posições menores de trabalho, sua precarização e uma alteração no formato da família tendo como resultado a diminuição do número de filhos. Sobre a questão da divisão sexual do trabalho Hirata diz:

O trabalho precário é majoritariamente feminino. [...] é necessário estabelecer relação entre desigualdade no mercado de trabalho, entre mulheres e homens, assim como desigualdades na família e na esfera doméstica (relação de trabalho, de poder, de saber, relações de dominação). (HIRATA, 2010. p. 3)

A tabela a seguir tem a função de salientar o perfil das entrevistadas em relação a informações básicas (faixa etária, a renda mensal e a jornada de trabalho, bem como a especificação quanto às condições de trabalho).

Como se observa no quadro a seguir:

INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PERFIL DAS ENTREVISTADAS				
Sobrenome	Idade	Condições de trabalho	Jornada de trabalho por dia	Renda Mensal
Marques	26	Boa	8 horas	R\$ 1.100 reais
Freitas	28	Desconfortável	9 horas	R\$ 1.150 reais
Gonçalves	64	Local muito quente (desconfortável)	8 horas e 30 minutos	R\$ 1.120 reais
Sousa	20	Cadeiras de plástico e bancos de madeira desconfortável	9 horas e 10 minutos	R\$ 1.200 a 1.250 reais
Camurça	59	Desconfortável	Mais de 9 horas	R\$ 1.200 a 1.250 reais
Monteiro	42	Boa	8 horas	R\$ 1.100 reais
Lucio	50	Poderia ser (cadeiras acochoadas)	9 horas	R\$ 1.150 reais
Lima	21	Ambiente pouca ventilação	9 horas e 20 minutos	R\$ 1.200 a 1.250 reais

Fonte: Dados coletados da entrevista de campo

Segundo as informações colhidas os pontos mais destacados na visão delas em relação às condições de trabalho e desvantagens de se trabalhar em fábricas de confecção foram: o fato de ser muito corrido (tem que bater a meta de produção por dia), trabalho cansativo, o local de trabalho não tem condições boas (pouco ventilado, cadeiras desconfortáveis para

passar longas horas na mesma posição), carga horária extensa de trabalho, remuneração precária.

No início da inserção para trabalhar nas fábricas têxteis algumas me relataram que passam por um período de experiência que tem a duração de 3 meses, porém nem todos os donos de fábricas respeitam esse período e ultrapassam esses 3 meses, as trabalhadoras por necessidade financeira acabam aceitando as condições do chefe mesmo sabendo que essa resistência em se fichar a CTPS, é para não se pagar adicional e demais direitos. Em relação ao local de trabalho dessas mulheres, é interessante que se esclareça o que ocorre em uma indústria de confecção, ressaltando que este é um ambiente que ocorrem transformações da matéria prima, no caso o tecido, em produtos acabados e prontos para serem vendidos. Sobre as razões que as levam a permanecer nessa profissão que não representa o emprego tão sonhado é interessante conhecer um pouco da realidade social onde essas mulheres estão inseridas.

Segundo um levantamento realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, existe no município em torno de 30 a 40 fábricas de costura, há também a existência de algumas fábricas clandestinas.

Mesmo não tendo uma quantidade exata de confecções, é possível observar uma quantidade bem considerável e que conseqüentemente é responsável por um grande número de vagas de emprego na cidade (tanto para homens como para mulheres).

Em relação às funcionárias desse setor, pode-se dizer que o perfil é bem variado, encontram-se jovens (com ou sem filhos), que terminaram o ensino médio há pouco tempo, mulheres mais experientes que já possuem uma família constituída e que necessitam do emprego para compor a renda de casa, ou senhoras que em relação à sua idade já deveriam estar aposentadas, mas, por alguma razão, permanecem na ativa.

A necessidade de conseguir algo melhor, e a falta de condição também são motivações para estarem trabalhando e até ter que se submeter a um ambiente de trabalho não tão apropriado onde elas relatam ser ambientes quentes, possuir pouca ventilação, acentos são desconfortáveis para passar longas horas na mesma posição. Hirata (2007) cita sobre a flexibilidade do trabalho e a questão salarial em seu texto, “flexibilidade, trabalho e gênero”:

O amplo recurso à flexibilidade do tempo de trabalho feminino é possível porque há uma legitimação social para o emprego das mulheres por durações mais curtas de trabalho: é em nome da conciliação entre a vida familiar e a vida profissional que tais empregos são oferecidos, e se pressupõe que essa conciliação é de responsabilidade exclusiva do sexo feminino. Há também outra legitimação social para o uso da flexibilidade do emprego e dos salários para as mulheres: a

representação corriqueira do salário feminino como “complementar”, embora as modalidades de atividade crescente das mulheres no mundo do trabalho profissional em todo o mundo se afastem cada vez mais, na prática dessa representação. (HIRATA, 2007. p. 104 – 105).

As modalidades de atividade nesse sentido se afastam cada vez mais dessa representação, como o próprio autor considera. Na prática, a flexibilização é apenas de direitos e salários. Porém, essa questão da flexibilidade pode ser vista como ponto negativo para as mulheres, visto que alguns consideram que pelo fato da mulher ter que se dedicar a família, pode ser que ela não se dedique por inteiro a sua profissão.

A entrevistada Marques (2021) 26 anos, cursa Serviço Social. Ela comentou que só foi em busca dessa profissão porque não conseguia outra coisa, “já que aqui você tem poucas opções para trabalhar: tem a opção em trabalhar nas fábricas de costura, na prefeitura em um cargo temporário ou nos mercantis que tem agora” só que as outras opções não são tão fáceis assim para conseguir.

Para ela ser funcionária de confecção não é a melhor coisa, haja vista que tem que passar o dia todo sentada, mal pode se levantar, não pode ficar de “conversa mole” para não correr o risco de errar e você nunca pode ficar doente, já que quando se trabalha sem carteira assinada, qualquer coisa é motivo para ser demitida. A necessidade é grande, principalmente pelo fato de que esta tem que trabalhar para pagar a faculdade. A mesma sempre ressalta que para estudar ela precisa se deslocar até outra cidade, já que em seu município não tem uma faculdade e quando aparece alguma oferta de curso, ou é na área da licenciatura (a entrevistada disse não tem a pretensão de trabalhar como professora) ou é só para tirar dinheiro do povo (cursos que não são reconhecidos pelo MEC).

A necessidade de ter um emprego faz com que a senhorita Marques (2021) permaneça nessa profissão, visto que ela trabalha para pagar a faculdade, ela comenta que buscou emprego em outros setores, mas não conseguia nada e sair de casa para a capital à procura de emprego não era para ela uma opção, já que a mesma não tinha onde se estabelecer nem condições de se manter até conseguir alguma coisa. Mesmo ela estando cursando uma faculdade, ainda não está satisfeita, pois não é o que ela realmente sonha. Marques vive o drama de sonhar em ser Veterinária, mas tem que se conformar com o que o dinheiro pode pagar no momento. Em suas palavras:

Quem sabe um dia quando eu tiver ganhando melhor eu possa realizar meu sonho, montar uma clinica e puder trabalhar no que eu realmente gosto, mas enquanto esse dia não chega, tenho que me contentar com o plano B, e ser por tempo indeterminado o que eu posso bancar. (Marques, 2021).

Ela além de trabalhar como costureira, também trabalha como vendedora (vende cosméticos de revistas de empresas conhecidas), que é uma ajuda para as finanças e que ela vende nos horários de almoço, entre as colegas de trabalho e nos dias livres. A senhorita Marques (2021) vai além e fala que:

Não é porque eu não tenho filho e nem marido, que a minha vida é fácil! Muitas vezes eu acabo dormindo na sala de aula por causa do cansaço, chego em casa tarde da noite e tenho que acordar cedo para ir trabalhar. Inúmeras vezes tive que ficar quase sem dormir para cumprir com os deveres da faculdade. E sobre os finais de semana, esses são destinados aos estudos, atividades que ficam para serem concluídas depois. (Marques, 2021).

As que cursam faculdade, tanto paga quanto pública, falam que gostariam de serem só estudantes, mas não é possível. A entrevistada Lima (2021) comenta que a vontade dela era poder viver a universidade, estar presente nas semanas, poder apresentar trabalho, participar dos eventos se sentir parte da universidade, mas ela comenta que não se pode nem faltar por motivo de saúde, quem dirá não ir trabalhar porque estava “brincando de escolinha”. Por essa razão esta se sente como se estivesse na faculdade só de passagem.

Essas mulheres ainda esperam conquistar pelo menos um pouco do que foi sonhado, como por exemplo: não ter que estar se desgastando todos os dias, para conseguir ser respeitada, ou não ser obrigada a casar logo só porque a sociedade exige que a mulher tenha o dever de constituir uma família, ter a livre escolha de querer ter filhos ou não, de poder ser livre para ir a qualquer lugar e não ser taxada de alguma coisa só por causa das suas escolhas. Antes da senhora Monteiro (2021) 42 anos, seguir a profissão de costureira, ela prestou serviços como ajudante de enfermeira no hospital local. Foram aproximadamente oito anos de trabalho que ela relatou com tristeza, não pelo ato do trabalho, mas sim porque esses oito anos de trabalho não foram documentados e quando ela foi atrás de dar entrada na papelada da aposentadoria à mesma não conseguiu por não ter o tempo de contribuição necessário e não tem nada registrado desses oito anos de trabalho.

Gonçalves (2021) 64 anos, falou que gosta de costurar, mas o sonho dela era ter deixado as suas filhas bem estabelecidas e depois se dedicar a cuidar de idosos. Porém o que a impede é que ela ainda não conseguiu se aposentar e as filhas não estão em uma posição confortável que possam lhe ajudar financeiramente. Isso para essa senhora é uma frustração, não poder estar estável financeiramente e realizar o que ela sonhava.

A confecção na qual ela trabalha é bem longe do local onde ela reside, mas em momento algum durante a entrevista ela reclamou disso, só quem mencionou foi sua neta que

estava presente. Tecendo o seguinte comentário: “o trabalho não é ruim, o chato mesmo é porque é longe e a vó chega tarde” (NETA, 2021). Seus colegas de trabalho são solidários para com ela, visto que algumas vezes um ou outro lhe dá carona para chegar a sua casa. Pelo fato dessa senhora ter que passar o dia todo trabalhando e em alguns casos ter que trabalhar até nos finais de semana, não facilita que ela possa fazer o que ela deseja e na maioria das vezes não tem tempo nem para se cuidar e descansar.

Em relação à dificuldade de se manter ativa no mercado de trabalho, Freitas (2021) 28 anos, fala que não tem problema e nem dificuldade para estar em seu local de trabalho. Porém não se pode dizer o mesmo da senhora Camurça, como foi relatado, ela trabalhou por muitos anos em fábrica de costura, contudo no momento ela está afastada por conta de uma cirurgia realizada em seu pé. Sra. Camurça (2021) 59 anos, comentou muito triste: “o médico me disse que eu não posso mais realizar meu trabalho, que posso até trabalhar, mas não mais como costureira”. Os problemas de saúde como (problema na coluna, respiratórios, alergias) estão como algumas das principais causas que dificultam de continuarem trabalhando.

Sobre o questionamento do gostar da profissão que exerce: é possível observar que essas mulheres respondem que sim, mas entram em contradição quando respondem as demais. O que fica confuso é: como alguém responde que gosta do que faz, mas logo em seguida comenta que só está nessa profissão por falta de opção? Seria isso gostar? Ou um dia esse ofício foi de fato algo agradável e com o tempo foi se modificando?

A resposta está no cotidiano dessas mulheres, visto que para umas a profissão deixou de ser prazerosa após a chegada de um chefe que não é tão cordial com os funcionários e chega até ao ponto de ser desrespeitoso. Já para outras é a questão de ter que andar muito para chegar ao trabalho, isso faz com que tenham que acordar mais cedo para sair e chegar a sua casa mais tarde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tecer as considerações finais deste estudo, destaco a importância que o trabalho tem para essas mulheres. Em razão dessa importância e necessidade, muitas não se arriscam em busca de novos horizontes, com receio de perder sua “segurança” financeira.

O trabalho assalariado é um fator fundamental para a sobrevivência, sendo uma forma de manutenção de sua subsistência para essas mulheres. No entanto, essa importância vai além. Com o trabalho, o ser humano toma consciência de si e de seu valor, sendo um dos elementos mais gratificantes da vida, na medida em que produzimos algo que nos realiza como pessoa.

As mulheres, por anos, foram subjugadas e sujeitadas a uma vida sem voz nem vez, sua única função era o cuidar da família, segundo as ordens de seu marido. Porém, como o rumo da história é mutável, essas mulheres - que antes eram consideradas incapazes - se mostraram fortes e capazes de trazer o sustento para casa.

A oportunidade que surgiu, para as mulheres de trabalhar fora de casa, acarretou em uma mudança social gradativa. As mulheres passaram a ter o direito ao estudo, ao voto, com isso veio o poder de escolher casar ou não, de ter filhos, de morar sozinha, entre outras conquistas.

Para as mulheres que trabalham nas fábricas de costura, o poder trabalhar e o ter um trabalho vai além do sustento familiar, segue um caminho árduo de se estabelecer como um alguém útil para a sociedade.

Observando o decorrer dos relatos e de suas reações, é possível observar o quão importante elas se sentiram ao serem abordadas e convidadas para dar um breve relato sobre sua profissão, condições de trabalho e expectativas de vida.

Ao analisar essas reações, no papel de pesquisadora social, senti que não só essas mulheres contribuíram para a construção da pesquisa, eu também me senti protagonista, fazendo alguma diferença na vida dessas trabalhadoras. Mesmo com todas as dificuldades, elas possuem sonhos e se sentem importantes como mantenedoras de suas famílias, não se vendo mais como um estorvo ou só mais uma boca para ser sustentada.

Através da análise das entrevistas, foi possível perceber que - embora elas desempenhem uma multiplicidade de papéis - essas mulheres passaram por um processo passivo de aceitação da sua condição social. Essa aceitação, porém, não representa a todas. Há uma parte delas que demonstra esperança em conseguir um futuro melhor a partir do trabalho desempenhado. Vale ressaltar que todas as entrevistadas encontram-se na condição de

costureiras, não por opção, mas sim por uma questão de necessidade financeira e independência.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Eustáquio Diniz; CAVENAGUI, Suzana. **Dominação masculina e discurso sexista**. Informe ANDES, ano XI, n. 97, fev. 2000.
- ANTUNES, Ricardo L. C. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. - São Paulo, SP: Boitempo, 2009.
- ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. P. 15 – 78.
- FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fatos e versões**, v. 1, n. 02, 2009. Acesso em: 06 de Fevereiro de 2022.
- HIRATA, Helena. Flexibilidade, trabalho e gênero. In: Hirata, Helena (org). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Editora SENAC, 2007. P. 89 – 108.
- HIRATA, Helena. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Revista Tecnologia e Sociedade**, 2. ed., Curitiba, p. 1-7, 2010.
- PICANÇO, Felícia Silva. Amélia e a mulher de verdade: representações dos papéis da mulher e do homem em relação ao trabalho e à vida familiar. In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. P. 149 – 172.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

APÊNDICE

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A. PERFIL DA/O ENTREVISTADA/O

1) Cargo:

2) Divisão/Unidade em que trabalha:

3) Faixa etária

Até 19 anos 25 – 29 anos 35 – 39 anos 45 – 49 anos

20 – 29 anos 30 – 34 anos 40 – 44 anos acima de 50 anos

4) Sexo

Feminino Masculino

5) Há quanto tempo você trabalha:

6) Nível de escolaridade:

Fundamental Médio Técnico

Graduação Graduação em andamento

Curso: _____

Especialização Especialização em andamento

Área: _____

Mestrado Mestrado em andamento

Área: _____

Doutorado Doutorado em andamento

Área: _____

7) Condição na qual trabalha:

B. QUESTÕES EM RELAÇÃO À PROFISSÃO

1) Você gosta do que faz?

Sim Não

2) Resuma seu trabalho em uma palavra:

3) **Você tira férias todo ano?**

Sim Não

4) **Você tem direito ao 13º salário?**

Sim Não

5) **Como é sua relação com seus colegas de trabalho e seu chefe (a)?**

6) **Quais as vantagens e desvantagens de trabalhar em fábricas de confecção?**

7) **Quantas horas você trabalha por dia?**

C. ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1) **Tem filhas/os? Quantas/os?**

Sim _____ Não

2) **Estado civil?**

3) **Como sua família é composta?**

4) **Como você concilia sua função de ser mãe com o trabalho e a vida social?**

5) **Em sua opinião quais os papéis destinados à mulher?**

6) **O que lhe motivou a ingressar no mercado de trabalho?**

7) **O que você deseja em relação ao seu futuro?**

8) **Se pudesse estar em outra profissão qual seria?**

9) **O que é ser mulher para você?**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidada/o para participar, como voluntária/o, em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você não precisa me explicar porque, e não haverá nenhum tipo de punição por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente a essa escolha no final desta página.

Para confirmar sua participação, você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente ao seu consentimento no final. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Este TCLE se refere ao projeto de pesquisa A mulher no mercado de trabalho: Os relatos das trabalhadoras de confecção do município de Aracoiaba-Ce, cujo objetivo é analisar as demandas enfrentadas pelas trabalhadoras de confecção de Aracoiaba para a sua permanência no mercado de trabalho. A pesquisa será realizada por meio de um questionário semiestruturado, constituído por 22 questões no total. A precisão de suas respostas é determinante para a qualidade da pesquisa.

Você não será remunerada/o, visto que a sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Caso decida desistir da participação, você poderá interromper o questionário e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição.

A pesquisadora se compromete com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____,
autorizo Antonia Karise Santos da Silva a utilizar as minhas respostas em entrevistas ou questionários a si concedida/o/s, como forma de composição de dados para a realização da pesquisa **A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: Os Relatos das Trabalhadoras de Confecção do Município de Aracoiaba/CE**. Reconheço participar voluntariamente do presente estudo. A/o pesquisador/a informou-me sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, garantiu-me que poderei retirar-me da mesma a qualquer momento, sem dar nenhuma

explicação, e que esta decisão não me trará nenhum tipo de prejuízo. Prometeu, por último, assegurar completo sigilo quanto à minha identidade física e pessoal. Mediante estes termos e condições:

ACEITO PARTICIPAR

NÃO ACEITO PARTICIPAR

Data. Local:

Assinatura: